



## ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE GÊNERO E SERVIÇO SOCIAL

Rosana Mirales<sup>1</sup>

### *Introdução*

Na perspectiva de agregar esforços para que o serviço social incorpore questões relevantes, como gênero e outras categorias de análise, contributivas no desenvolvimento do projeto profissional, construído ao longo dos últimos trinta anos pela categoria de assistentes sociais, proponho a reflexão sobre a proposição do Seminário Temático “Gênero e Serviço Social – diversidade, discriminação e violência”. Busco trazer elementos que demonstram o entendimento que tenho sobre a trajetória do serviço social no Brasil, bem como dos desafios colocados para construirmos avanços.

Um dos primeiros aspectos que o conteúdo programático do Seminário Temático indicou foi fronteira, tema debatido pelas áreas do conhecimento como geografia e antropologia. A situação brasileira, talvez dada sua expansão territorial, remeteu a questões de naturezas diversas, apresentadas na realidade e na vida social em regiões consideradas de fronteira: os conflitos étnicos e de terras, o contrabando de armas, o tráfico de drogas, a exploração não-regulada do meio ambiente, a exploração sexual, o tráfico de seres humanos e a incapacidade do Estado em enfrentar política, administrativa e financeiramente as questões apresentadas nessas áreas.

O debate sobre fronteiras indicou também aos projetos de colonização que o Estado promoveu, buscando povoar as regiões e, através disso, sanar tais conflitos. O mesmo debate remeteu ainda às questões étnicas e raciais, à miscigenação e à indefinição de direitos, como na situação dos brasiguaios na fronteira do Brasil com o Paraguai, ainda hoje, longe de se apresentar como satisfatória na garantia aos direitos humanos.

Por isso, a questão que me ocorreu foi: de quais fronteiras estamos falando? Para a geografia a questão remete aos limites territoriais estabelecidos entre os domínios, sejam étnicos, culturais, políticos, econômicos, ambientais, etc. A noção de território e de fronteiras, referenciada na geografia e também na antropologia, demonstra haver uma definição desses espaços por variadas razões. Segmentam-se territórios, a depender da cultura e práticas dos povos que habitam as

---

<sup>1</sup> Doutora em Serviço Social, professora na Universidade Estadual do Oeste do Paraná. mirales\_ro@hotmail.com



fronteiras e também das formas de sociabilidade ali estabelecidas, quando há maior ou menor possibilidade de unidades políticas, econômicas, culturais e de ir e vir.

Entre posseiros e indígenas, por exemplo, é comum a definição precisa dos espaços que ocupam e também a ocorrência de conflitos entre eles, que muitas vezes passam pela ocupação de áreas compreendidas como de uma ou de outra população ou etnia indígena ou de posseiros. Exemplo que configura outra natureza de conflito se estabelece entre posseiros, indígenas, pequenos produtores, pescadores e os grandes proprietários de terras, ou seja, os conflitos fundiários.

Constitui-se fronteira, em uma definição física, social, cultural, econômica, política, construída na relação entre os centros de decisão, no caso de fronteiras entre nações, das federações, e os povos que ocupam as regiões, uma vez que estas fronteiras geralmente acumulam trajetórias históricas que muitas vezes revelam disputas políticas e econômicas.

A idéia da fronteira em relação ao conhecimento também contém em si uma precisão, uma vez que os conceitos e as categorias contam com definições, pela capacidade ontológica de sua precisão, capaz de revelar a realidade e suas contradições. Por isso, o alargamento nas formas de abordagens das categorias, sugerido pelo Simpósio Temático, me levou a indagações. Compreendi que o proposto é que o reconhecimento do conceito de classe social torna-se insuficiente para explicar as questões com as quais assistentes sociais, e também profissionais de outras áreas, se deparam no cotidiano das intervenções institucionais. Da mesma forma, considero que gênero ou outras categorias, por si só, também são insuficientes para explicar a realidade social que as mulheres, por exemplo, vivem no contexto da sociedade capitalista. Talvez a saída para a questão seja a velha máxima de que a investigação e a busca do entendimento sobre a realidade social são exigentes a métodos. A sistematização das práticas e das intervenções, a reflexão sobre a realidade e a vida social em suas variadas dimensões, colocam questões que são essenciais para se compreender os fenômenos em sua forma concreta e não aparente.

Argumentando de outra maneira, a necessidade do conhecimento sobre o desenvolvimento das questões apresentadas nos fenômenos sociais não elimina o necessário conhecimento ontológico dos fenômenos<sup>2</sup>. O conhecimento ontológico não elimina a necessidade do conhecimento sobre as particularidades históricas das realidades estudadas.

Gênero, em seu conteúdo explicativo, tornou-se fundamental teoricamente e estratégico politicamente para fazer alavancar à consciência social sobre as formas de desigualdades entre as pessoas de sexos diferentes. Denunciou que o sexismo além de ser uma ideologia, também é uma

---

<sup>2</sup> GUERRA, Y. A força histórico-ontológica e crítico-analítica dos fundamentos. *Praia Vermelha*, n. 10, primeiro semestre 2004, p. 12-43.



forma de exercício do poder. Mas gênero também passou a ser insuficiente para esclarecer as formas de dominação, exploração dos homens sobre as mulheres e das subalternidades das mulheres para com os homens. Os estudos que têm base nas práticas sociais e na pesquisa empírica incorporaram que patriarcado<sup>3</sup>, constitui-se em categoria essencial para o desvelamento teórico e ao mesmo tempo ideológico das formas de dominação de gênero. Ou seja, há uma série de definições que devem ser consideradas quando se abordam determinados fenômenos sociais, através dos quais se aproxima do objeto de intervenção e de investigação.

No mesmo sentido, a valorização e os estudos do feminismo, constituem-se em questão essencial, para além das discussões interiores às profissões, uma vez que foram esses espaços de organização política das mulheres que estabeleceram as formas de radicalizar os entendimentos sobre as questões relacionadas a gênero e de conduzir politicamente estratégias que deram visibilidade a questões como à violência de gênero, o abuso sexual, a homossexualidade, etc.

Compreendo que a continuidade no desafio para o serviço social permanece no estabelecimento de formas capazes de viabilizar a captação das nuances apresentadas no cotidiano e na realidade dos indivíduos e dos sujeitos ético-políticos, através dos quais se tem contato e contribuições a dar e com os quais também se conta na luta pela emancipação da sociedade. Cabe às mulheres e aos homens que têm a clareza de que gênero é essencial, fazer alavancar no interior dos debates essa dimensão da vida social e política. Neste sentido, observa-se que o desenvolvimento histórico que gera condições para o político institucional conduz a entrada das questões na profissão. Se por um lado, as assistentes sociais podem ir apontando novas demandas para a profissão, também se deve considerar que é no contexto da realidade social que se movem e manifestam as demandas da vida social.

#### *A direção social do projeto ético-político do Serviço Social*

São vários os desafios colocados, ao se propor abordar local e temporalmente a trajetória do serviço social no Brasil. Uma das premissas neste desafio é considerar que sua trajetória social e histórica, como a de outras profissões, tem relações estreitas com a realidade e se move no contexto de reprodução das relações que se estabelecem macro e micro social, política, econômica e culturalmente. Um segundo desafio é considerar a riqueza no acúmulo dos debates levados no interior da categoria de assistentes sociais. Esses debates são de natureza diversa e geraram o

---

<sup>3</sup> Re-significado do entendimento de patriarcado em Max Weber. SAFFIOTI, H. I. B. *Gênero, patriarcado e violência*. São Paulo: Ed. da Fundação Perseu Abramo, 2004, p. 95-100. (Coleção Brasil urgente).



acúmulo sobre o processo de constituição da profissão, das particularidades que caracterizam essa trajetória. Por isso, há acervo cultural disponível na vivência de profissionais, que devem ser valorizados, como conteúdos que revelam aspectos até então não abordados por documentos escritos.

Dada natureza interventiva do serviço social, abordá-lo significa considerar aspectos macroestruturais que explicam seus fundamentos e significados sociais e políticos. Ao mesmo tempo, significa considerar as variadas dimensões do cotidiano da ação prática, que coloca assistentes sociais em contato com seres ético-políticos<sup>4</sup>, que veiculam necessidades e interesses de variadas naturezas.

Como outras profissões de origem mais recente, o serviço social é marcado por características de sua origem, que no processo de renovação e atualização teórica e interventiva, conduzem a processos de rompimento e de continuidades. Na situação brasileira, o serviço social originou-se no contexto da Ação Católica<sup>5</sup>, o que reservou aos primeiros assistentes sociais a influência de Thomas de Aquino, uma vez que, nos conteúdos curriculares, as aulas de filosofia geralmente os abordavam. Aos poucos, isso foi modificando-se, quando através de influências como a realização de cursos de formação nos Estados Unidos da América, o serviço social brasileiro passou a incorporar conteúdos das ciências sociais, marcados pelo positivismo e o funcionalismo.

Neste momento as profissionais passaram a se incorporar mais efetivamente ao mercado de trabalho, ampliando-se o serviço social, de uma prática próxima à igreja católica, para uma atuação junto a empresas de natureza pública e privada, quando se intensificou a adoção das políticas sociais<sup>6</sup>, como mecanismo do Estado de responder as demandas expressas da questão social.

Como parte da sociedade e dos mecanismos de sua produção e reprodução, a tendência ao fortalecimento dos debates interiores à profissão marcou-se por interrupções determinadas pela ditadura militar, o que dificultou a ampliação dos debates teórico-metodológicos e ético-políticos. Ocorreu que, apesar dessa interrupção, o período também registrou a busca por alternativas, quando ocorreram vários movimentos interiores à profissão: a tendência à modernização, a busca de construção de alternativas como o debate latinoamericano e o Movimento de Reconceituação.

<sup>4</sup> CHAUI, M. Ética e violência. *Teoria & Debate*, São Paulo, ano 11, n. 39, p. 32-41, out./dez. 1998.

<sup>5</sup> YAZBEK, M. C. *Estudo da evolução histórica da escola de serviço social de São Paulo no período de 1936 a 1945*. Dissertação (Mestrado em serviço social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1977, p. 26-43.

<sup>6</sup> BEHRING, E. R. Política social: elementos para um debate conceitual. *Caderno de Serviço Social*, Toledo, n. 4, p. 111-124, 2006.



Foi quando se deu a influência do personalismo, da educação popular, da Teologia da Libertação e de autores que postulavam a teoria social de Marx. Grande parte de profissionais inseriram-se nos movimentos de base e buscaram resistir à ditadura militar e construir possibilidades para sua superação. Esse processo não se desvinculou da construção de perspectivas para o entendimento do serviço social e de seus significados. Neste contexto foi construída a possibilidade de uma renovação teórica, que foi considerada intenção de ruptura com o conservadorismo<sup>7</sup>, referendada por autores adeptos da teoria social de Marx.

Com a perspectiva democrática, cresceram as possibilidades de produção teórica e de análise dos significados da profissão. Alguns estudos tiveram importância fundamental, um deles “Relações Sociais e Serviço Social no Brasil”. Realizado no contexto de uma pesquisa latinoamericana, este texto foi produzido ao mesmo tempo em que outros pesquisadores realizaram pesquisas similares em outros países da América Latina. Dada sua abordagem metodológica, esta pesquisa esclareceu aspectos sobre a origem do serviço social em São Paulo e no Brasil. A adoção do método materialista histórico-dialético demonstrou aspecto reiterado neste texto, que a profissão se faz no interior da produção e reprodução das relações sociais, ou seja, é parte constitutiva e constituinte do modo de produção. Nesse período implantou-se o currículo mínimo para a formação profissional, conduzido pela Associação Brasileira de Ensino em Serviço Social/Centro de Documentação e Pesquisa em Política Social e Serviço Social<sup>8</sup>.

Na conquista da democracia e no contexto da condução da reforma de Estado em bases neoliberais, o serviço social brasileiro cresceu. Contraditoriamente, no contexto de retração dos direitos, ocorreu o impulso aos direitos humanos, com a institucionalização mais efetiva desses direitos no país.

Nesse contexto, houve forte investida de renovação conservadora, impulsionadas pela pós-modernidade<sup>9</sup>. O pensamento pós-moderno, contraditoriamente, apresenta em seu interior, perspectivas de ampliação da democracia e dos interesses populares e também retoma o positivismo e o irracionalismo. Essas formas de pensamento se expressam no serviço social, como nas variadas

---

<sup>7</sup> NETTO, J. P. *Ditadura e serviço social: uma análise do serviço social no Brasil pós-64*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1998, p. 247-304.

<sup>8</sup> As revistas Cadernos ABESS no. 7 (1997) e a revista *Temporalis* n. 1 documentam a transição da ABESS/CEDEPS para a ABEPSS: Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social.

<sup>9</sup> Cf. CHAUI, M. Público, privado, despotismo. In: NOVAES, A. (Org.) *Ética*. São Paulo: Companhia das Letras: Secretaria Municipal de Cultura, 1992. p. 345-390; Guerra, Y. (2004).



áreas do conhecimento e, às vezes, se contrapõem à direção social que o projeto ético-político<sup>10</sup> do serviço social defende para a sociedade.

### *Perspectivas para análise*

Como expressão da dinâmica das relações sociais, esse processo reservou à categoria de assistentes sociais a característica de ser composta em maioria por mulheres componentes das classes trabalhadoras, confirmando a divisão sexual do trabalho<sup>11</sup>. Apesar de tal característica, que reserva ao cotidiano da maioria de suas profissionais questões comuns às mulheres, não se pode afirmar que houve maior facilidade na reflexão teórica sobre temas daí derivados. A hipótese é que o processo ocorrido no serviço social em relação à incorporação das discussões de gênero foi similar ao levado em outras áreas do conhecimento. Processo marcado por estratégias feministas, que foram capazes de alavancar espaços no interior de instituições e movimentos, construindo possibilidades dos debates cederem às discussões sobre gênero, articulando-se a outras reflexões, também necessárias, como raça e etnia, orientação sexual e classe social<sup>12</sup>. Num mesmo nível de importância, coloca-se o amadurecimento de discussões e debates interiores ao serviço social, e aquelas levadas ao interior das igrejas ou dos movimentos sindicais e sociais, dos partidos políticos. Esses espaços expressam também, tanto quanto o interior da categoria, as formas de entendimento das/os usuárias/os sobre as políticas sociais. Usuárias/os com os quais se tem contato no cotidiano profissional através da intervenção profissional.

Em uma revisão realizada em textos de assistentes sociais, disponíveis na biblioteca da PUC-SP, identifiquei que a produção do serviço social sobre mulheres e gênero segue a demanda situada nos movimentos e nas políticas sociais<sup>13</sup>. Daí a capacidade de antecipação das demandas colocadas na realidade social, nas diferentes conjunturas. Como exemplo, fenômenos como o da feminização da pobreza e das mulheres como provedoras de famílias, que foi abordado no texto de

---

<sup>10</sup> IAMAMOTO, M. V. *Serviço Social em tempo de capital fetiche*. Capital financeiro, trabalho e questão social. 2ª. Ed. São Paulo: Cortez, 2008, p. 222-233.

<sup>11</sup> HIRATA, H.; KERGOAT, D. A classe operária tem dois sexos. *Revista de Estudos Feministas*, Rio de Janeiro, ano 2, n. 1, p. 93-100, 1994

<sup>12</sup> Ressalto aqui a originalidade do trabalho Vinagre Silva, M. *Violência contra a mulher: quem mete a colher?* São Paulo: Cortez, 1992. Na introdução deste texto (p. 15-23), a autora demonstra a postura teórica buscada naquela conjuntura sócio histórica de não segmentação entre a produção científica e a ideologia, de buscas de entendimento de gênero no contexto da condição das classes sociais e pela construção da produção acadêmica não segmentada da militância feminista. A autora analisou também haver no interior do feminismo, diversas posturas. Na tese de doutorado a mesma autora, aprofundou a perspectiva racial e deu continuidade à perspectiva teórica da não segmentação metodológica entre categorias que são essenciais para a conquista da igualdade de gênero.

<sup>13</sup> Tendência identificada em vários textos que analisaram a pesquisa em serviço social, como KAMEYAMA (1998), IAMAMOTO (2004), YAZBEK (2005).



Bastos (1989). Atualmente, essas questões vêm sendo debatidas no interior das políticas sociais e institutos de pesquisa, como uma das tendências relacionadas às famílias, às mulheres, à transferência de renda e à assistência social.

Dos cerca de trinta textos verificados, entre trabalhos de conclusão de curso, dissertações de mestrado e teses de doutorado, observei que os estudos geralmente adotam as concepções de mulher e feminino; homem e masculino e em relação ao casal: conjugal, família, feminicídio, sexualidade, maternagem, mãe. Ao mesmo tempo identifiquei que há uma tendência similar às ciências sociais de incorporação das questões de gênero mais efetivamente nos anos de 1990, sendo que dos textos verificados, somente oito apresentaram gênero nos títulos. Por outro lado, vários textos que não têm como objeto gênero ou temas aproximados como masculinidade, feminilidade, sexualidade, feminismo, incorporam a questão como parte da forma de aprofundamento de seu objeto de estudo.

Há vários aspectos e dimensões que devem ser considerados, quando pensamos a categoria dos assistentes sociais. Alguns destes como a produção teórica, a inserção social e política dos profissionais, a relação no mercado de trabalho, os níveis de intervenção.

A produção teórico-metodológica e filosófica tem importância fundamental, uma vez que determina conteúdos da formação profissional, sendo veiculada no cotidiano da intervenção profissional, referência nas supervisões de estágio, âmbitos que contribuem com a formação de profissionais. Essas produções cada vez mais deverão ser conseqüências de investigações empíricas, capazes de explicitar as mediações entre o individual e o genérico, e num exercício de racionalidade capaz de demonstrar o invisível, de desnudar o aparente, de explicitar o real. Por isso mesmo, torna-se necessidade a adoção do método mais adequado a este propósito. A tendência atual de, ao mesmo tempo, olhar para a trajetória histórica e analisar as particularidades regionais<sup>14</sup> apresenta-se como um novo momento para o serviço social. A análise dessas produções regionais poderá, em segundo momento, gerar condições de se apontarem aspectos até então pouco visíveis e incorporados nas discussões cotidianas de nossas experiências.

A inserção diversificada social e política de profissionais torna viável a interferência e a geração de condições para conquistas e avanços como nos direitos, que muitas vezes são impossíveis de serem dimensionadas. É o exemplo da política de assistência social, que dependeu e depende da atuação em macro e micro escala, na área da gestão e dos serviços e que se traduzem em conquistas e efetivação de direitos a parcelas enormes da população brasileira. Como esse exemplo, outros podem ser verificados em vários níveis, como do exercício da política sindical e partidária,

---

<sup>14</sup> Na Revista Serviço Social e Sociedade, n. 95, ano XXIX, 2008 há artigos sobre o serviço social no Pará, no Maranhão, em Pernambuco, em Goiás, na Região Sul (Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná).



da militância religiosa, com extensão aos movimentos sociais, capazes de influenciar espaços de discussão e de decisão, além de culturas singulares.

A relação estabelecida entre profissionais e o mercado de trabalho marca-se pelos contratos de trabalho e determina os níveis de intervenção de cada profissional. Os níveis de intervenção nos situam como agentes ético-políticos, em contato com demais agentes ético-políticos. Os desafios apresentados nas expressões da questão social de variadas naturezas, exigentes de respostas rápidas, expressam necessidades sociais e conteúdos de pressão às instituições com as quais os profissionais têm contratos de trabalho. Neste âmbito, profissionais muitas vezes agem sem condições de distanciamento e reflexão para compreender o que ocorre além do aparente. Essa é uma das características do cotidiano que muitas vezes conduzem a rotina repetitiva, exigente de formas complementares para o necessário afastamento e reflexão para apreensão dos aspectos contidos que poderão muitas vezes favorecer o desenvolvimento e não somente garantir a manutenção da atividade profissional.

As mediações políticas estabelecidas no interior da categoria profissional revelam o que somos capazes de produzir coletivamente, uma vez que condensam formas de inserção social de seus agentes. Os níveis de correlação de forças que se estabelecem no interior das organizações da profissão dependem diretamente do exercício da pluralidade, em que os variados agentes se articulam, seja por afinidades temáticas, teóricas ou ideopolíticas. A direção social implementada pelas instituições de regulação e de representação profissional denota a capacidade de articulação política capaz de compor unidades, diante do pluralismo que se estabelece na profissão.

No contexto das organizações da categoria, não ceder ao conservadorismo, constitui-se em questão relevante. Em meu entendimento, o marco histórico e simbólico do Congresso Brasileiro de Serviço Social de 1979, para uma renovação teórica e política, continua sendo um exercício necessário a ser perseguido e construído pelos profissionais no âmbito de suas atuações.

A capacidade teórica em não ceder politicamente e fazer avançar a perspectiva teórica, aponta para o entendimento do ser social e suas particularidades, marcadas pela dinâmica que o trabalho e a questão social adquirem e formatam-se em fenômenos sociais. Fenômenos estes, marcados por categorias centrais e que a sua própria singularidade revela, sendo comuns aspectos da desigualdade de gênero, de raça e etnia e de classe social e que dependem de demais categorias históricas e de análise para aproximar-se de sua dinâmica, particularidade e universalidade. Nesta forma de entendimento, o crescimento teórico aponta para a perspectiva da não segmentação dessas categorias, mas a sua inter-relação, como fenômeno capaz de demonstrar as formas variadas de



dominação-exploração, que caracterizam as sociedades capitalistas em seus processos vertiginosos de ampliação e imposição ideológica, incapaz de suprimir as disputas de projetos societários.

### *Bibliografia*

AGUIAR, NEUMA (org). *Gênero e Ciências Humanas*. Desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres. Rio de Janeiro: Record, Rosa dos Tempos, 1997.

BEHRING, Elaine R. Política social: elementos para um debate conceitual. *Caderno de Serviço Social*, Toledo, n. 4, p. 111-124, 2006.

*Cadernos ABESS*. São Paulo: ABESS, Cortez, n.7, Nov. 1997.

CHAUÍ, Marilena. Público, privado, despotismo. In: NOVAES, Adauto. (Org.) *Ética*. São Paulo: Companhia das Letras: Secretaria Municipal de Cultura, 1992. p. 345-390.

\_\_\_\_\_. Ética e violência. *Teoria & Debate*, São Paulo, ano 11, n. 39, p. 32-41, out./nov. 1998.

COSTA, Albertina de Oliveria; BRUSCHINI, Cristina (orgs). *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.

GUERRA, Yolanda. A força histórico-ontológica e crítico-analítica dos fundamentos. *Praia Vermelha*, n. 10, primeiro semestre 2004, p. 12-43.

HIRATA, Helena; Kergoat, Daniele. A classe operária tem dois sexos. *Revista de Estudos Feministas*, Rio de Janeiro, ano 2, n. 1, p. 93-100, 1994.

IAMAMOTO, Marilda V. *Relações sociais e serviço social no Brasil*. São Paulo: Cortez, 1982.

IAMAMOTO, Marilda V. Os caminhos da pesquisa no Serviço Social. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM SERVIÇO SOCIAL, 9, 2004, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: PUC-RS, 2004.

\_\_\_\_\_. *Serviço Social em tempo de capital fetiche*. Capital financeiro, trabalho e questão social. 2ª. Ed. São Paulo: Cortez, 2008, p. 222-233.

KAMEYAMA, Nobuco. A trajetória da produção de conhecimentos em Serviço Social: avanços e tendências (1975-1997). *Cadernos ABESS*, Brasília, n. 8, p. 33-77, 1998.

MIRALES, Rosana. *A identidade quilombola das comunidades Pedro Cubas e Ivaporunduva*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). PUC SP, 1998.

NETTO, José P. *Ditadura e serviço social: uma análise do serviço social no Brasil pós-64*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1998.

QUEIROZ, Fernanda Marques de; LISBOA, Teresa Kleba. *Gênero e Serviço Social – diversidade, discriminação e violência*. Disponível em: <  
[http://www.fazendogenero9.ufsc.br/simposio/view?ID\\_SIMPOSIO=36](http://www.fazendogenero9.ufsc.br/simposio/view?ID_SIMPOSIO=36)>. Acesso em 29/01/2010.

*Revista Serviço Social e Sociedade*, São Paulo: Cortez, set. 2008, n. 95, ano XXIX.



SAFFIOTI, Heleieth I. B. *Gênero, patriarcado e violência*. São Paulo: Ed. da Fundação Perseu Abramo, 2004 (Coleção Brasil Urgente).

*TEMPORALIS*. Brasília: ABEPSS, Ano 1, n. 1, jan. jun. 2000.

VINAGRE SILVA, M. *Violência contra a mulher: quem mete a colher?* São Paulo: Cortez, 1992.

YAZBEK, Maria C. *Estudo da evolução histórica da escola de serviço social de São Paulo no período de 1936 a 1945*. Dissertação (Mestrado em serviço social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1977.

\_\_\_\_\_. Os caminhos para a pesquisa no Serviço Social. *Temporalis*, Brasília, ano 5, n. 9, p. 147-159, jan. jun. 2005.